

Ho. 12659

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 68

Est. 28

A China na guerra

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL
Praça dos Restauradores, 24

1917



A China na guerra

A guerra é de tal magnitude que os incidentes que são aparentemente de menor importancia neste grande panorama da conflagração, deixam-se passar sem nenhum ou pouco reparo. Assim é com a entrada na guerra de novos aliados. Quantas pessoas haverá em Inglaterra que dão um momento de reflexão ao facto que o mundo está literalmente, desde a China até ao Peru, em guerra com a Alemanha e os seus aliados. A China e o Peru. Até a China e o Peru reuniram as suas forças do lado do direito contra a força; puzeram-se do lado da justiça. Dois antigos centros de civilização juntaram-se á luta contra o Huno que desprezou toda a civilização. Desde a terra dos Incas até ao Celeste Imperio — é na verdade uma distancia enorme.

Mas, dizem os ignorantes, primeiro que a China ou o Peru possam tomar parte activa é preciso deixar passar anos! Bem ignorantes são na verdade!

Ide ao front occidental e aos campos de concentração. Ali vereis trabalhadores chinezes aos milhares que nos veem auxiliar a derrotar a fera imunda. São homens pequenos porém robustos, bem vestidos, bem alimentados, que

trabalham com uma vontade que faz gosto ver. Não se importam nem com granadas nem com bombas. Porque se haviam de importar?

Na rétuaguarda do front ocidental estão muitos milhares de chineses fazendo o serviço do Corpo de Serviços Auxiliares e de pioneiros. Veem principalmente do norte da China, de Honan e dessas partes, e veem como recrutas voluntarios. São homenzinhos fortes, saudaveis, cujo trabalho é a admiração de todos que teem conhecimento dele.

Não são soldados, apesar de estarem sob a lei militar. Observai-os quando marcham por uma estrada poeirenta ou lamacenta algures na área da guerra; satisfeitos, alegres, fumando os seus cigarros, ali vão eles ás vezes a um e um, outras vezes a dois e dois, ou mesmo a quatro. Sempre contentes, sempre satisfeitos!

Fumam! Muitos deles pela primeira vez na sua vida! O exercito fornece-lhes generosamente rações de cigarros.

O seu rancho é excelente: muitas vezes igual ao dos officiais superiores e dos officiais inferiores brancos.

Tem os seus proprios capatazes ou officiais inferiores chineses, muitos dos quais já foram soldados na China.

Não se queixam de coisa nenhuma. As suas barracas são engenhosas até ao ultimo ponto. Só o chim sabe instalar-se com tanta comodidade.

O seu rir faz rir. Vêde aquele espaduado sargento escoccz cujo conhecimento da lingua man-

darim não passa de «Kwai-Kwaidi», «Shing» e «Bu-Shing»; quando á voz de comando «Esquerda, volver!» os ehins tentam em vão obedecer á ordem segundo as regras militares, ri o sargento, riem todos. E que estrondosa gargalhada quando aparece alguém com um daqueles horrendos capacetes anti-asfixiantes.

E o seu labutar! Impossivel descrevê-lo. E' um verdadeiro labutar! Trabalham por amor ao trabalho. Competem uns com os outros para alcançar o elogio do official! Seja de dia seja de noite estão prontos á primeira voz. Formam em linha, e lá vão eles, sem uma lamuria.

São bem remunerados e as suas familias. No Celeste Imperio recebem uma boa mezada. São inspeccionados diariamente pelo medico official; numa palavra, os filhos dos nossos aliados chinezes recebem um tratamento ótimo.

Todos os officiais que os dirigem teem estado no Oriente. Todos teem lidado com chins e sabem o que lhes agrada ou desagrada. Muitos dos officiais inferiores foram recrutados de regimentos que teem servido no Oriente, de sorte que não pode haver, como de facto não ha, desintelligencias entre eles.

Ouvis o som suave da flauta chinesa que resôa nestes belos campos de França? Ouvis — o que aliás para os ouvidos dum europeu é uma musica discordante — os seus cantos em tom menor com acompanhamento de granadas? Vós, ó leitor, nem na imaginação podeis ouvir essas coisas. Comtudo, ouvem-se. Eu já as ouvi — mas ao aproximar-me cessam logo e só me chega

aos ouvidos a palavra «Dairen», proferida em voz baixa, e o bater dos pés na escuridão ao bradar o capataz «Lee Jeun», isto é «Atenção».

Nos portos do mar e noutras partes da França já são bastante familiares os termos «Lee Jeun», «Kwai dzou», «Kwai-Kwaidi», «Man-Mandi», que correspondem a «Atenção», «Marchar», «Acelerado», «A passo».